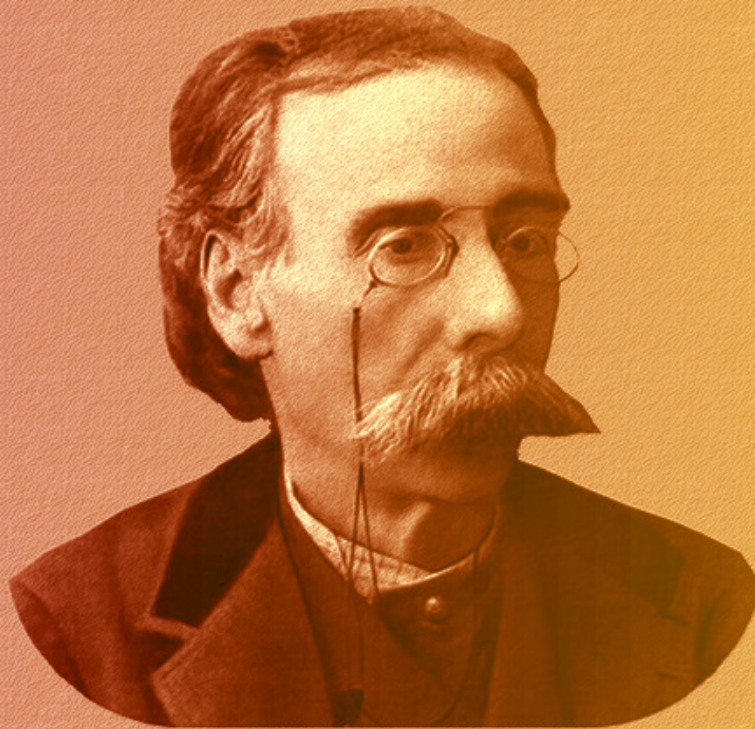


Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Camilo Castelo Branco
Poesia ou Dinheiro?
(Teatro)



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Camilo Castelo Branco

Poesia ou Dinheiro?

(Teatro)

Publicado originalmente em 1855

**Camilo Ferreira Botelho Castelo Branco
(1825 – 1890)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 437



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Camilo Castelo Branco: *“Poesia ou Dinheiro?”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Camilo Castelo Branco nasceu em Lisboa, no Largo do Carmo, a 16 de Março de 1825. Oriundo de uma família da aristocracia de província com distante ascendência cristã-nova, era filho de Manuel Joaquim Botelho Castelo Branco, nascido na casa dos Correia Botelho em São Dinis, Vila Real, a 17 de Agosto de 1778, e que teve uma vida errante entre Vila Real, Viseu e Lisboa, onde faleceu a 22 de Dezembro de 1890, tomado de amores por Jacinta Rosa do Espírito Santo Ferreira.

Camilo foi assim perfilhado por seu pai em 1829, como “filho de mãe incógnita”. Ficou órfão de mãe quando tinha um ano de idade e de pai aos dez anos, o que lhe criou um carácter de eterna insatisfação com a vida. Foi recolhido por uma tia de Vila Real e, depois, por uma irmã mais velha, Carolina Rita Botelho Castelo Branco, nascida em Lisboa, Socorro, a 24 de Março de 1821, em Vilarinho de Samardã, em 1839, recebendo uma educação irregular através de dois Padres de província.

Na adolescência, formou-se lendo os clássicos portugueses e latinos e literatura eclesiástica e contatando a vida ao ar livre transmontana.

Com apenas 16 anos (18 de Agosto de 1841), casa-se em Ribeira de Pena, Salvador, com Joaquina Pereira de França (Gondomar, São Cosme, 23 de Novembro de 1826 - Ribeira de Pena, Friúme, 25 de Setembro de 1847), filha de lavradores, Sebastião Martins dos Santos, de Gondomar, São Cosme, e Maria Pereira de França, e instala-se em Friúme. O casamento precoce parece ter resultado de uma mera paixão juvenil e não resistiu muito tempo. No ano seguinte, prepara-se para ingressar na universidade, indo estudar com o Padre Manuel da Lixa, em Granja Velha.

O seu carácter instável, irrequieto e irreverente leva-o a amores tumultuosos (Patrícia Emília do Carmo de Barros (Vila Real, 1826 - 15 de Fevereiro de 1885), filha de Luís Moreira da Fonseca e de sua mulher Maria José Rodrigues, e a Freira Isabel Cândida).

Ainda a viver com Patrícia Emília do Carmo de Barros, Camilo publicou n'O Nacional correspondências contra José Cabral Teixeira de Morais, Governador Civil de Vila Real, com quem colaborava como amanuense.

Esse posto, segundo alguns biógrafos, surge a convite após a sua participação na Revolta da Maria da Fonte, em 1846, em que terá combatido ao lado da guerrilha Miguelista.

Devido a esta desavença, é espancado pelo “Olhos-de-Boi”, capanga do Governador Civil.

As suas irreverentes correspondências jornalísticas valeram-lhe, em 1848, nova agressão a cargo de Caçadores.

Camilo abandona Patrícia nesse mesmo ano, fugindo para casa da irmã, residente agora em Covas do Douro.

Tenta então, no Porto, o curso de Medicina, que não conclui, optando depois por Direito. A partir de 1848, faz uma vida de boêmia repleta de paixões, repartindo o seu tempo entre os cafés e os salões burgueses e dedicando-se entretanto ao jornalismo. Em 1850, toma parte na polémica entre Alexandre Herculano e o clero, publicando o opúsculo O Clero e o Sr. Alexandre Herculano, defesa que desagradou a Herculano.

Apaixona-se por Ana Augusta Vieira Plácido e, quando esta se casa, em 1850, tem uma crise de misticismo, chegando a frequentar o seminário, que abandona em 1852.

Ana Plácido tornara-se mulher do negociante Manuel Pinheiro Alves, um brasileiro que o inspira como personagem em algumas das suas novelas, muitas vezes com caráter depreciativo. Camilo seduz e rapta Ana Plácido. Depois de algum tempo a monte, são capturados e julgados pelas autoridades. Naquela época, o caso emocionou a opinião pública, pelo seu conteúdo tipicamente romântico de amor contrariado, à revelia das convenções e imposições sociais. Foram ambos enviados para a Cadeia da Relação, no Porto, onde Camilo conheceu e fez amizade com o famoso salteador Zé do Telhado. Com base nesta experiência, escreveu Memórias do Cárcere. Depois de absolvidos do crime de adultério pelo Juiz José Maria de Almeida Teixeira de Queirós (pai de José Maria de Eça de Queirós), Camilo e Ana Plácido passaram a viver juntos, contando ele 38 anos de idade.

Entretanto, Ana Plácido tem um filho, supostamente gerado pelo seu antigo marido, que foi seguido por mais dois de Camilo. Com uma família tão numerosa para sustentar, Camilo começa a escrever a um ritmo alucinante.

Quando o ex-marido de Ana Plácido falece, a 15 de Julho de 1863, o casal vai viver para uma casa, em São Miguel de Seide, que o filho do comerciante recebera por herança do pai.

Em Fevereiro de 1869, recebeu do governo da Espanha a comenda de Carlos III.

Em 1870, devido a problemas de saúde, Camilo vai viver para Vila do Conde, onde se mantém até 1871. Foi aí que escreveu a peça de teatro “O Condenado” (representada no Porto em 1871), bem como inúmeros poemas, crônicas, artigos de opinião e traduções.

Outras obras de Camilo estão associadas a Vila do Conde. Na obra “A Filha do Arcediago”, relata a passagem de uma noite do arcediago, com um exército, numa estalagem conhecida por Estalagem das Pulgas, outrora pertencente ao Mosteiro de São Simão da Junqueira e situada no lugar de Casal de Pedro, freguesia da Junqueira. Camilo dedicou ainda o romance “A Enjeitada” a um ilustre vilacondense seu conhecido, o Dr. Manuel Costa.

Entre 1873 e 1890, Camilo deslocou-se regularmente à vizinha Póvoa de Varzim, perdendo-se no jogo e escrevendo parte da sua obra no antigo Hotel Luso-Brazileiro, junto do Largo do Café Chinês. Reunia-se com personalidades de notoriedade intelectual e social, como o pai de Eça de Queirós, José Maria de Almeida Teixeira de Queirós, magistrado e Par do Reino, o poeta e dramaturgo poveiro Francisco Gomes de Amorim, Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Antônio Feliciano de Castilho, entre outros. Sempre que vinha à Póvoa, convivia regularmente com o Visconde de Azevedo no Solar dos Carneiros.

Francisco Peixoto de Bourbon conta que Camilo, na Póvoa, “tendo andado metido com uma bailarina espanhola, cheia de salero, e tendo gasto, com a manutenção da diva, mais do que permitiam as suas posses, acabou por recorrer ao jogo na esperança de multiplicar o anêmico pecúlio e acabou, como é de regra, por tudo perder e haver contraído uma dívida de jogo, que então se chamava uma dívida de honra.

A 17 de Setembro de 1877, Camilo viu morrer na Póvoa de Varzim, aos 19 anos, o seu filho predileto, Manuel Plácido Pinheiro Alves, do segundo casamento com Ana Plácido, que foi sepultado no cemitério do Largo das Dores.

Camilo era conhecido pelo mau feitio. Na Póvoa mostrou outro lado. Conta Antônio Cabral, nas páginas d' “O Primeiro de Janeiro” de 3 de junho de 1890: “No mesmo hotel em que estava Camilo, achava-se um medíocre pintor espanhol, que perdera no jogo da roleta o dinheiro que levava. Havia três semanas que o pintor não pagava a conta do hotel, e a dona, uma tal Ernestina, ex-atriz, pouco satisfeita com o procedimento do hóspede, escolheu um dia a hora do jantar para o despedir, explicando ali, sem nenhum gênero de reservas, o motivo que a obrigava a proceder assim. Camilo ouviu o mandado de despejo, brutalmente dirigido ao pintor. Quando a inflexível hospedeira acabou de falar, levantou-se, no meio dos outros hóspedes, e disse: - A D. Ernestina é injusta. Eu trouxe do Porto cem mil reis que me mandaram entregar a esse senhor e ainda não o tinha feito por esquecimento. Desempenho-me agora da minha missão. E,

puxando por cem mil reis em notas entregou-as ao pintor. O Espanhol, surpreendido com aquela intervenção que estava longe de esperar, não achou uma palavra para responder. Duas lágrimas, porém, lhe deslizaram silenciosas pelas faces, como única demonstração de reconhecimento.”

Em 1885 é-lhe concedido o título de 1.º Visconde de Correia Botelho. A 9 de Março de 1888, casa-se finalmente com Ana Plácido.

Camilo passa os últimos anos da vida ao lado dela, não encontrando a estabilidade emocional por que ansiava. As dificuldades financeiras, a doença e os filhos incapazes (considera Nuno um desatinado e Jorge um louco), dão-lhe enormes preocupações.

Desde 1865 que Camilo começara a sofrer de graves problemas visuais (diplopia e cegueira noturna). Era um dos sintomas da temida neurosífilis, o estado terciário da sífilis ("venéreo inveterado", como escreveu em 1866 a José Barbosa e Silva), que além de outros problemas neurológicos lhe provocava uma cegueira, afeitivamente progressiva e crescente, que lhe ia atrofiando o nervo óptico, impedindo-o de ler e de trabalhar capazmente, mergulhando-o cada vez mais nas trevas e num desespero suicidário. Ao longo dos anos, Camilo consultou os melhores especialistas em busca de uma cura, mas em vão. A 21 de Maio de 1890, dita esta carta ao então famoso oftalmologista aveirense, Dr. Edmundo de Magalhães Machado:

Illmo. e Exmo. Sr.,

Sou o cadáver representante de um nome que teve alguma reputação gloriosa n’este país durante 40 anos de trabalho. Chamo-me Camilo Castelo Branco e estou cego. Ainda há quinze dias podia ver cingir-se a um dedo das minhas mãos uma flâmula escarlate. Depois, sobreveio uma forte oftalmia que me alastrou as córneas de tarjas sanguíneas. Há poucas horas ouvi ler no Comércio do Porto o nome de V. Exa. Senti na alma uma extraordinária vibração de esperança. Poderá V. Exa. salvar-me? Se eu pudesse, se uma quase paralisia me não tivesse acorrentado a uma cadeira, iria procurá-lo. Não posso. Mas poderá V. Exa. dizer-me o que devo esperar d’esta irrupção sanguínea n’uns olhos em que não havia até há pouco uma gota de sangue? Digne-se V. Exa. perdoar à infelicidade estas perguntas feitas tão sem cerimônia por um homem que não conhece.

A 1 de Junho desse ano, o Dr. Magalhães Machado visita o escritor em Seide. Depois de lhe examinar os olhos condenados, o médico com alguma diplomacia, recomenda-lhe o descanso numas termas e depois, mais tarde, talvez se poderia falar num eventual tratamento. Quando Ana Plácido acompanhava o médico até à porta, eram três horas e um quarto da tarde, sentado na sua cadeira de balanço, desenganado e completamente desalentado, Camilo Castelo Branco disparou um tiro de revólver na têmpora direita. Mesmo assim,

sobreviveu em coma agonizante até às cinco da tarde. A 3 de Junho, às seis da tarde, o seu cadáver chegava de comboio ao Porto e no dia seguinte, conforme o seu pedido, foi sepultado perpetuamente no jazigo de um amigo, João Antônio de Freitas Fortuna, no cemitério da Venerável Irmandade de Nossa Senhora da Lapa.

São suas principais obras: Anátema (1851), Mistérios de Lisboa (1854), A Filha do Arcediago (1854), Livro negro do Padre Dinis (1855), A Neta do Arcediago (1856), Onde Está a Felicidade? (1856), Um Homem de Brios (1856), O Sarcófago de Inês (1856), Lágrimas Abençoadas (1857), Cenas da Foz (1857), Carlota Ângela (1858), Vingança (1858), O Que Fazem Mulheres (1858), O Morgado de Fafe em Lisboa (Teatro, 1861), Doze Casamentos Felizes (1861), O Romance de um Homem Rico (1861), As Três Irmãs (1862), Amor de Perdição (1862), Memórias do Cárcere (1862), Coisas Espantosas (1862), Coração, Cabeça e Estômago (1862), Estrelas Funestas (1862), Cenas Contemporâneas (1862), Anos de Prosa (1863), A Gratidão (incluído no volume Anos de Prosa), O Arrependimento (incluído no volume Anos de Prosa), Aventuras de Basílio Fernandes Enxertado (1863), O Bem e o Mal (1863), Estrelas Propícias (1863), Memórias de Guilherme do Amaral (1863), Agulha em Palheiro (1863), Amor de Salvação (1864), A Filha do Doutor Negro (1864), Vinte Horas de Liteira (1864), O Esqueleto (1865), A Sereia (1865), A Enjeitada (1866), O Judeu (1866), O Olho de Vidro (1866), A Queda dum Anjo (1866), O Santo da Montanha (1866), A Bruxa do Monte Córdova (1867), A doida do Candal (1867), Os Mistérios de Fafe (1868), O Retrato de Ricardina (1868), Os Brilhantes do Brasileiro (1869), A Mulher Fatal (1870), Livro de Consolação (1872), A Infanta Capelista (1872), (conhecem-se apenas 3 exemplares deste romance porque D. Pedro II, imperador do Brasil, pediu a Camilo para não o publicar, uma vez que versava sobre um familiar da Família Real Portuguesa e da Família Imperial Brasileira), O Carrasco de Victor Hugo José Alves (1872), O Regicida (1874), A Filha do Regicida (1875), A Caveira da Mártir (1876), Novelas do Minho (1875-1877), A viúva do enforcado (1877), Eusébio Macário (1879), A Corja (1880), A senhora Rattazzi (1880), A Brasileira de Prazins (1882), O vinho do Porto (1884), Vulcões de Lama (1886), O clero e o sr. Alexandre Herculano (1850).

*Wikipédia
Janeiro, 2014*

POESIA OU DINHEIRO?

DRAMA EM 2 ATOS

DEDICATÓRIA

Minha verdadeira amiga:

Henriqueta será um esboço daquela grande imagem que fantasiamos?

Há nesse tipo o colorido de triste poesia que V. Ex^a lhe deu?

Decorei, eu, porventura, algumas das palavras que os seus lábios proferiram num momento de dor, expansivo em eloquentes queixumes contra o destino, sem responsabilizar a sociedade que faz os infelizes?

Se de tudo isso há, no meu rápido trabalho, um pouco, esse pouco, oferta pobre, mas rica de tudo que tenho na alma, pertence a V. Ex^a.

Camilo Castelo Branco

PERSONAGENS:

D. Henriqueta

D. Sofia

Bernardo Rodrigues, marido de D. Sofia.

Manuel Alves, brasileiro.

Júlio Correia, literato.

Carlos de Meireles, irmão de Henriqueta.

um Criado

ATO I

CENA I

D. Henriqueta, sentada a uma mesa, e acabando de escrever. Ergue-se com entusiasmo, como revendo-se no que acaba de escrever.

HENRIQUETA

É a mais querida das minhas poesias!... Veio-me do coração, tão sentida, tão pura como a fragrância de uma flor... É dele, é de Júlio, consagrei-lha, há de passar-lhe dos meus lábios aos seus, num beijo casto, abrasado... mas abrasado daquele ardente fogo das vestais...

CENA II

HENRIQUETA e SOFIA.

SOFIA, *fora*.

Henriqueta... permites?

HENRIQUETA

Entra, menina. (*Beijam-se*). Vens tão linda!... Teu marido, não veio?

SOFIA

É ociosa a pergunta: meu marido não me acompanha nunca. E eu (*tirando o chapéu, que Henriqueta recebe*) sinceramente te digo que me não escandalizo muito com a sua repugnância em acompanhar-me. Agora foi ele a bordo do Duque do Porto, convidar um brasileiro, chegado no barco da carreira... Que

importunos hóspedes vou ter! dois brasileiros!... Não era bastante o Manuel Alves?

HENRIQUETA

Era!... que monstro de insipidez!... que selvagem de casaca!... É triste cousa! Teu marido tem negação para adquirir relações dignas de ti!...

SOFIA

Decerto!... Obrigada a respirar uma atmosfera que não é a minha, parece que sinto enervar-se-me o coração à míngua de alimento próprio. O meu ideal era o impalpável, o que se não vê no mundo; e o ideal de meu marido é tudo que se vê, e que se palpa!... Não podemos sustentar o equilíbrio de maneira nenhuma... Somos irreconciliáveis... Falemos de ti... Que fazes, Henriqueta? Escreveste alguma nova delícia?

HENRIQUETA

Escrevi:., agora mesmo, um improvisado do coração...

SOFIA

Lês?

HENRIQUETA

A ti, leio: leio porque me compreendes, porque tens a chave dos segredos da minha alma, porque me animas a sair da vida materialíssima em que o nosso sexo desvirtua as mais belas aspirações do Coração de mulher... Não me achas hoje tão sensível, tão Virgínia, tão enternecida?

SOFIA

Muito... és sempre uma inspirada... És a Safo mimosa dos nossos tempos... Recita...

HENRIQUETA, *recita.*

Minha alma só se humilha
À grandeza do talento,
Minha aspiração é filha
De elevado pensamento.

Cá do mundo a majestade
Não fascina os olhos meus...
Júlio, a par da Divindade,
Júlio, só, depois de Deus.

Sou idólatra do gênio,
Sei cuspir no ouro vil;
Que este mundo é vil proscênio
Onde a fronte ergue o réptil.

Mas do mundo a majestade
Não fascina os olhos meus...
Júlio, a par da Divindade,
Júlio, só, depois de Deus.

SOFIA

Que linda!... repete, Henriqueta!

(Carlos, sem ser pressentido, está na sala Ouvindo a poesia).

CENA III

Os mesmos e CARLOS.

CARLOS

Isso, em verso, é muito bonito; mas na vida real e prosaica perde todo o merecimento!

HENRIQUETA

Ai! o mano esteve ouvindo!... Não gosto de emboscadas...

CARLOS, *apertando a mão de Sofia.*

Minha cara senhora, como passou?

SOFIA

Bem... Gostou da poesia de Henriqueta?

CARLOS

Esta minha mana é uma grande poetisa: tem muito coração, mas a cabeça é muito pequena. Uma grande cabeça nunca faz disforme um belo corpo...

HENRIQUETA

Principia o mano como o seu estilo dogmático... É um prazer escutar as máximas judiciosas deste grande extravagante... Diga lá, Carlos, repita a segunda parte do sermão que ontem principiou! mas não empregue textos latinos, que eu não sei Latim...

SOFIA

Como estás irônica, Henriqueta!...

CARLOS

Em compensação, vou ser muito sério...

HENRIQUETA

Pois sim, mano; mas dá-me licença que eu vá ao meu quarto? Vi entrar agora a minha costureira... Converse com Sofia, que eu volto já. *(Sai)*

CENA IV

CARLOS e SOFIA.

CARLOS

Sofia, é necessário que me auxilies numa empresa dificultosa... Preciso hoje mais que nunca recorrer ao teu amor...

SOFIA

Que queres de mim, Carlos?

CARLOS

Um sacrifício das tuas ideias a respeito do casamento...

SOFIA

Das minhas ideias?!

CARLOS

Sim... Tu tens dito que é mil vezes desgraçada a mulher que se faz vítima do ouro dum homem que detesta...

SOFIA

E direi sempre... O que eu tenho sido para ti, Carlos, é uma prova de que é muitas vezes um casamento forçado que despenha uma mulher da sua dignidade...

CARLOS

Pois, sim, concordemos em tese: mas se descermos à realidade da vida, verás que a pobreza é o supremo dos infortúnios... As tuas teorias são excelentes num romance, numa comédia, mas falham completamente no uso social. Minha irmã aprendeu de ti essa louca independência do talento, como ela lhe chama. Quem lhe tem divinizado o orgulho és tu... Quem lhe aplaude a inconveniente paixão que ela tem por Júlio és tu...

SOFIA

Eu?!

CARLOS

Sim, tu, com as tuas vaporosas idealidades, com as tuas lamúrias piegas sobre a sorte que te destinou um marido material... É preciso que tu destruas o mal que tens feito...

SOFIA

De que modo?

CARLOS

Capacitando-a de que deve casar-se com o brasileiro, teu hóspede...

SOFIA

Isso nunca, porque a amo muito a ela por amor de ti, e não a quero ver desgraçada como me vejo.

CARLOS

É por amor de mim que a amas a ela, Sofia?

SOFIA

EL. duvidas?

CARLOS

Duvido, se mo não provas duma maneira que me salve, aumentando o direito que tens à minha gratidão... Escuta-me e depressa, antes que ela venha. Eu estou arruinado. A minha Legítima consumi-a em prodigalidades. A legítima de Henriqueta foi envolvida na minha. A decência que sustento é uma hipocrisia: tenho-me valido de expedientes astuciosos, que' serão brevemente descobertos, e eu desonrado para sempre.

SOFIA

Santo Deus!

CARLOS

Queres a desonra do homem que amas, Sofia?

SOFIA

Não, não, antes a minha morte, se com a vida não posso salvar-te...

CARLOS

Compreendeste-me!... É preciso que convenças minha irmã de que deve casar-se com Manuel Alves... Esse grande sacrifício do teu amor, Sofia... Ela ai vem...

CENA V

Os mesmos e HENRIQUETA.

HENRIQUETA, *com um vestido de seda na mão.*

Ora vê tu que desapontamento! Esperava este vestido para o teatro de hoje, e trazem-mo com a cintura aqui em cima! A minha vontade era rasgá-lo... *(Torna para dentro da cena, arremessando-o).* Pegue lá... Diga à sua mestra que as minhas criadas vestem com mais elegância. *(Vem sentar-se, e pega num livro, colericamente...)*

SOFIA

Não te aflijas, menina. Tens muitos vestidos...

HENRIQUETA

Isso, muitos!... são todos vistos... Vai ver a D. Cândida se leva amanhã ao teatro um vestido conhecido!...

CARLOS

Lembre-se, Henriqueta, que a D. Cândida tem vinte mil cruzados de renda... Pode usar sete vestidos em cada semana...

HENRIQUETA

E a D. Maria das Neves? também tem vinte mil cruzados de renda?

CARLOS

Essa nasceu pobre, mas tem um marido com cem contos de reis...

HENRIQUETA

E cem anos de idade... Que marido!...

CARLOS

Isso é uma questão à parte...

HENRIQUETA

Pois o que eu não quero é questões... Olha, Sofia, já Leste a Mocidade de D. João V?

SOFIA

Não, menina.

HENRIQUETA

Ai! não!... estás muito pouco em dia com a literatura...

CARLOS

Deixemos a literatura por um momento... Atenda-me, Henriqueta...

HENRIQUETA

Ah! é verdade... já me esquecia que tínhamos preleção moral, em alto estilo...

Diga lá, mano.

CARLOS

Seriedade... O seu namoro com Júlio Correia deve acabar...

HENRIQUETA

Eu não creio que o mano me fale seriamente!...

CARLOS

Tanto quanto é possível. Deve acabar, porque esse homem tem a fortuna de todos os homens de talento em Portugal: é pobre...

HENRIQUETA

Mas...

CARLOS

Não me interrompa. O homem de gênio associa à sua pobreza necessidades, ambições, e desejos que só o ouro satisfaz. A sua pobreza, portanto, fá-lo-á duas vezes desgraçado...

HENRIQUETA

Posso falar?

CARLOS

Ainda não... Júlio Correia é pobre, e Henriqueta não é mais rica do que ele. Agora fale.

HENRIQUETA

Se eu fosse rica, amaria Júlio Correia, pobre; se ele fosse rico, antes de lhe dar minha alma, obrigá-lo-ia a reduzir a Cinzas toda a sua fortuna... Não tenho mais que lhe diga, mano. A minha resolução é esta; se me não defino bem, a culpa não é minha: é das palavras que não exprimem cabalmente as ideias...

CARLOS

Até aqui falou o amigo; agora fala o irmão: Henriqueta não tem pai, nem mãe: eu tomo desde este momento sobre mim a responsabilidade de a admoestar nas suas loucuras...

HENRIQUETA

Eis aqui um ar grave que me faz rir... Noto o teu silêncio nesta questão, Sofia! *(Sofia abaixa os olhos)* Que dizes tu às exigências de meu mano? Encolhes os ombros!... É admirável!... Costumas falar com tanto ardor nesta questão dos casamentos violentados...

SOFIA

Há circunstâncias, menina...

HENRIQUETA

Há circunstâncias!... *(com ironia)* Excelente resposta!...

CARLOS

Henriqueta, repare no que lhe digo: Júlio é indiferente à sua resolução. *(Retirando-se: ao ouvido de Sofia)* Agora tu, minha querida amiga. *(Sai)*.

CENA VI

HENRIQUETA e SOFIA.

HENRIQUETA

Júlio é indiferente à minha resolução!... Será?!... É mentira!... E não será!... *(lendo no "Barão" com distração)*.

Em noite de estio uma pobre donzela

Doente, sem forças, pensava de amor;
Perdera o amante: bem triste era ela.
Assim nessa dor!

SOFIA
Isso que é?

HENRIQUETA
É o Barão... *(depõe-no com fastio; senta-se com ares de aborrecida)*. Ai! que vida a minha... O espírito a lutar com a matéria sente-se fraquear... mas eu... não sucumbirei...

SOFIA, *com muito mimo*.
Ninguém luta contigo, minha cara Henriqueta...

HENRIQUETA
Mais ainda?! Até tu me desamparaste...

SOFIA
Eu não te desamparo, minha amiga...

HENRIQUETA
Tu... que tanto me animavas esta paixão por Júlio... Parecias tão decidida protetora dele, que tem contra si a sociedade toda, porque é pobre... meu Deus... isto é uma vergonha dizê-lo... mas a sociedade hostiliza Júlio, porque ele é pobre... porque o seu talento é um tesouro que se não reduz a dinheiro!... *(Leva um lenço aos olhos)*.

SOFIA
Henriqueta... tu és injusta... Deixas-me falar-te com toda a sinceridade da minha alma?

HENRIQUETA
Que pergunta!... Impostura é que eu não quero em ti!...

SOFIA

Olha, filha... o mundo está pessimamente organizado... O dinheiro é tudo...

HENRIQUETA

Que linguagem na tua boca!... em ti... Sofia!

SOFIA

Em mim, sim, em mim, experimentada pelo infortúnio.,, As dedicações generosas do coração não são indenizadas por cousa nenhuma, se o contentamento íntimo as não indeniza... Casar pobre, minha amiga, é uma virtude aos olhos de quem casa, enquanto a paixão, que nos lisonjeia, não arrefece. O amor consome-se na sua própria lavareda... a reflexão torna à antiga frieza dos seus cálculos, o prisma quebra-se, e o arrependimento atira-nos ao chão uma a uma todas as belezas do nosso trabalho de tantos sonhos felizes... Aqui tens o que é o casamento pobre, o casamento de paixão...

HENRIQUETA

Espera, Sofia... Eu desconheço-te!... Como se pode assim transfigurar uma mulher, que não está cansada de representar diferentes papéis na sociedade!

SOFIA

Transfigura-se, quando as circunstâncias a transfiguram... Eu julguei-te até hoje com um patrimônio, e, há instantes, soube que és pobre...

HENRIQUETA

Pobre!... que é ser pobre, quando se tem um coração rico de tudo que é nobre, grande, e generoso?

SOFIA

Ser pobre... é querer um camarote no teatro, e não ter: querer um, dois, trinta vestidos, e não os possuir: querer uma carruagem para rivalizar com as das nossas amigas que nos salpicam de lama, e não a ter, por uma razão muito natural, porque há uma entidade chamada dinheiro que predomina todos os gozos da matéria, e vale mais que as mais belas concepções do espírito... Sabes o que é ser pobre?

HENRIQUETA

E eu estou nas circunstâncias de não ter um teatro, nem um vestido, nem uma carruagem?

SOFIA

Estás.

HENRIQUETA

Estou! por consequência, meu mano dissipou o meu patrimônio, a herança de meus pais, e declara-se hoje o responsável pelos meus atos! Oh meu Deus! que motivos obrigam meu mano a ser honrado agora! *(Senta-se, e descansa a cabeça na mão).*

SOFIA

Henriqueta... não és minha inimiga?...

Um CRIADO, *anunciando.*

O sr. Júlio Correia.

HENRIQUETA, *estremecendo, e levantando-se.*

Que entre... Não tenho coragem para receber-lhe a visita... Diz-lhe que estou incomodada... E estou!... não poderia ouvi-lo sem lágrimas *(Sai).*

SOFIA

A que se vê obrigada uma mulher na minha posição!...

CENA VII

JÚLIO e SOFIA

Júlio, todo vestido de preto; ar sempre triste ou irônico.

JÚLIO

Minha senhora!... Já tive hoje o prazer de cumprimentar seu marido, o sr.

MANUEL

Alves seu hóspede, e o sr. Carlos.

SOFIA

Encontrou-os?

JÚLIO

Agora mesmo na rua de Santo Antônio. Disseram que brevemente aqui estariam. A sr^a D. Henriqueta?

SOFIA

Está incomodada.

JÚLIO

E encarregou V. Ex^a de me vir fazer sala?

SOFIA

É verdade.

JÚLIO

Não devo (*erguendo-se*) portanto abusar da sua delicadeza. Retiro-me, se me dá licença, e insto a sua bondade para fazer os meus cumprimentos à sua amiga...

SOFIA

Queira demorar-se, sr. Júlio...

JÚLIO

Às suas ordens, minha senhora.

SOFIA

Preciso falar-lhe a difícil linguagem duma verdadeira amiga.

JÚLIO

A linguagem da amizade é a mais fácil de todas: queira dizer, minha senhora.

SOFIA

O seu amor por Henriqueta é tão violento que não admita reflexões?

JÚLIO

O meu amor por Henriqueta é um grande amor; mas, na minha idade, aos trinta anos, não há amor que não receba com docilidade as reflexões, particularmente feitas por pessoa de tanto juízo como V. Ex^a. Queira honrar-me com as suas reflexões, minha senhora.

SOFIA

Sabe que Henriqueta é pobre?

JÚLIO

Não perguntei nunca se era rica; mas acredito que seja pobre.

SOFIA

Porque o acredita?

JÚLIO

Custa muito a sinceridade: por dois motivos: primeiro, se fosse rica, não teria tempo de explorar as riquezas do talento, que lhe admiro, e do talento que ela acolheu como confidente do seu. Segundo: Carlos tem dissipado uma fortuna maior que a sua. Creio que respondi, minha senhora.

SOFIA

Convém-lhe este casamento?

JÚLIO

A pergunta não parece sua, minha senhora, ou pelo menos não devia ser-me feita a mim. Pergunta-me se me convém! A palavra conveniência tem sido sempre uma injúria às minhas ambições.

SOFIA

Ambições de poeta...

JÚLIO

De poeta, sim, se V. Ex^a o quer. Precisemos as nossas perguntas e respostas, minha senhora. A sua amiga encarregou-a de me dar algum recado? *(Silêncio)*. V. Ex^a não responde? *(com sobressalto)*.

SOFIA

A minha amiga... *(Silêncio)*.

JÚLIO

Sim,, a sua amiga... *(Silêncio)*. Então, sr^a D. Sofia!

SOFIA

Não está nas circunstâncias de ser sua esposa... *(Júlio ergue-se de improviso, emprega esforços para serenar-se, e deixa fugir um ligeiro sorriso)*.

JÚLIO, *calçando a luva.*

Tenho compreendido tudo... Cumpriu a sua comissão, minha senhora?

SOFIA

Eu não quero que se retire com esse sorriso... Tem paciência de ouvir-me cinco minutos mais?... Queira sentar-se...

JÚLIO

Porque não, minha senhora!

SOFIA

Creia que é adorado por Henriqueta quanto pode ser adorado Deus pelos anjos...

JÚLIO

É justamente o que ela tem dito muitas vezes... e, se me não engano, vejo aqui em verso a prova desse pensamento... *(Toma de cima da mesa a poesia e lê, com ironia)*

Cá do mundo a majestade

Não fascina os olhos meus;
Júlio, a par da Divindade,
Júlio, só, depois de Deus.

Isto (*sorrindo*) é verdadeiramente tocante, minha querida senhora... Queira V. Ex^a continuar. (*Enquanto ela fala, ele, como distraído, vai partindo em bocados a poesia*).

SOFIA

A parte as suas ironias, convença-se de que é amado. Henriqueta é sua para toda a vida. Pode escravizar-se a um homem que lhe dê o prestígio do ouro, mas o seu coração será livre ou escravo de...

JÚLIO

De mim?... (*ri-se*) Quer V. Ex^a dizer que Henriqueta casada terá livre o coração da Henriqueta solteira... (*Silêncio*). Devo acreditar que V. Ex^a neste momento se esqueceu de que é uma senhora casada... E a prova é que a vejo corar!... Queira dizer-me: a última reflexão que me fez foi-lhe inspirada por Henriqueta?

SOFIA

Não, sr. Júlio... Fui inconsideradamente sincera com V. S^a.

JÚLIO

Eis aí um nobre arrependimento... Vejo que fez justiça a ela, e a mim... Contou com o meu Cinismo ou com a inocência dela?

SOFIA

É que eu supus que V. S^a amava Henriqueta, sem querer infelicitá-la...

JÚLIO

E acha que se enganou?! (*ri-se*) Estamos todos muito desmoralizados, minha senhora... V. Ex^a faz-me uma graça? Quem é o marido que se destina à sua amiga? É o seu hóspede, que tem duzentos contos?... Eu sei-o já: a pergunta é banal...

SOFIA

Sabe-o? Dito por quem?

JÚLIO

Pelo sr. Carlos de Meireles, *(sorrindo)* confidente muito válido de V. Ex^a, e o mais apto para o saber.

SOFIA

Quando lho disse?

JÚLIO

Há um quarto de hora; já vê V. Ex^a que o mais que fez foi comentar por Largo as curtas palavras de Carlos... Encarregou-a ele da explicação?

SOFIA, *ressentida*.

Essa pergunta, cavalheiro!

JÚLIO

Não é cavalheira? V. Ex^a há de emprestar-me um compêndio de civilidade, sim? *(Ouvem-se vozes)*.

SOFIA

São eles que chegam.

CENA VIII

SOFIA, MANUEL ALVES, JÚLIO CORREIA, CARLOS DE MEIRELES, e BERNARDO RODRIGUES.

Júlio vai apertar a mão aos que entram, menos a Carlos.

BERNARDO, *para Sofia*.

Ainda cá estás, Sofia?

SOFIA

Ainda: tenho-me demorado a conversar com Henriqueta, e com o sr. Júlio Correia.

MANUEL ALVES

Então este senhor dizem-me que faz versos muito bonitos?

BERNARDO

É poeta duma vez.

MANUEL ALVES

É uma bonita prenda. Eu quando era rapaz também tinha a mania dos sonetos, e fiz um bom par deles. Então estudava eu para padre; mas aí por causa duns amoricos, tive de dar à perna para o Brasil, e não me correu mal o negócio. Lá deixei-me de sonetos, e de latim. Atirei-me a trabalhar, e acho que não fiz mal.

BERNARDO

Fez o ar. comendador muito bem. Cá pelas letras não se levanta casa de sobrado, não é isso, ar. Júlio?

JÚLIO

É isso, sr. Bernardo.

BERNARDO

Melhor lhe fora que seu pai o tivesse mandado em pequeno ganhar a vida lá por esses mundos, não digo bem, sr. Júlio?

JÚLIO

Diz bem, ar. Bernardo. *(Carlos tem empregado o intervalo, conversando com Sofia).*

BERNARDO

Então onde está sua mana, ar. Carlos?

CARLOS

Eu vou chamá-la... Penso que está um pouco incomodada, mas há de vir. *(Sai)*.

MANUEL ALVES

Aquilo há de ser dor de enxaqueca, que andam por aí muitas.

BERNARDO

Há de ser, há de ser. *(Conversam por acenos)*.

SOFIA, *à parte a Júlio*.

Pelo amor de Deus, muita prudência.

JÚLIO, *sorrindo*.

Que degradação de caráter! *(olha-a com desprezo)*.

MANUEL ALVES, *para Júlio*.

O senhor porque não vai até ao Brasil?... *(Júlio distraído, não responde)*. Ele é mouco? *(para Bernardo)*. O senhor não ouve? *(Pondo-lhe a mão no ombro)*.

JÚLIO

Eu creio que lhe não dei ainda a liberdade de me pôr a mão no ombro... O senhor fez isto por ignorância, não é verdade?

MANUEL ALVES

Eu cuidei que o não magoava com isso... perdoará... *(para Bernardo, baixo)* Que tal o bonecro de vidro! Noli me tangere, dizia o meu mestre de latim.

CENA IX

Os mesmos, CARLOS e HENRIQUETA.

CARLOS

Aqui está minha mana.

MANUEL e BERNARDO

Passou bem?

HENRIQUETA

Agradecida. *(foge de encontrar os olhos de Júlio).*

CARLOS

Minha mana tem dias dum profunda melancolia.

MANUEL ALVES

Há de ser o nervoso, que é o mal das senhoras: lá para o tempo, os banhos do mar curam tudo.

BERNARDO

Menos os flatos de minha mulher, que não há nada que lhos cure.

CARLOS

Queiram sentar-se *(Sentam-se com grotescos cumprimentos Manuel e Bernardo)*. O objeto que vamos tratar, posto que seja de muito íntima familiaridade, não é reserva para o nosso amigo Júlio Correia, que nos faz a honra de o ser desde muito desta casa. O sr. Manuel Alves pede a mão de minha mana, e eu, confiado na anuência da sua vontade à minha, não tive dúvida em anuir à proposta do meu honrado amigo o sr. Bernardo, que tomou sobre si o cuidado de realizar este feliz casamento.

MANUEL ALVES

Pela minha parte, espero não deixar ficar mal o meu amigo.

BERNARDO

Estou bem certo disso.

JÚLIO

Como amigo antigo desta casa, honroso título que me concedeu o ar. Carlos, peço licença para uma pequena reflexão.

CARLOS

Queira falar.

MANUEL ALVES

Essa é boa: diga o que entender...

JÚLIO

O noivo respondeu como devia à declaração do ar. Carlos: a noiva calou-se, e parece que o seu silêncio pode ser de aprovação ou desaprovação. Sincero amigo desta senhora, desejo vê-la expansivamente eloquente neste momento em que o seu coração deve arfar de prazer. (*Henriqueta soluça, e quer fugir da sala*).

MANUEL ALVES, para BERNARDO.

Como se entende isto?

BERNARDO

É uma trapalhada...

SOFIA, *que tem corrido com Carlos a suspender Henriqueta.*

Menina, sentes-te muito incomodada?

HENRIQUETA

Muito... não me matem por piedade...

JÚLIO

A minha reflexão aflige-a, minha, senhora? Desculpe-me pela inocência com que a fiz... Eu pedia-lhe o favor de remediar a minha imprudência, vindo sentar-se na sua cadeira...

CARLOS, *para Júlio a meia voz.*

A prudência recomendo-lha eu, cavalheiro...

JÚLIO, *sorrindo.*

Gostei da entonação dramática!

SOFIA, *para Henriqueta, já sentada.*

Passou o incômodo?

HENRIQUETA

Há de... passar... Isto da existência é uma noite, sem amanhecer.

MANUEL ALVES

Que disse ela? (*para Bernardo*).

BERNARDO

São lá palavras românticas...

JÚLIO

Parece que vamos todos caindo num silêncio profundo!... É necessário, como se diz em frase vulgar, que alguém faça as despesas de conversação. Serei eu, suposto que entre todos o mais pobre de eloquência. Encarrego-me, pois, de fazer o elogio do casamento, que se planiza. Esta senhora (*indicando Henriqueta*) é uma alma com todo o viço das ilusões, frescura de desejos, florida em plena primavera, concentrando no coração o aroma de todas as flores. Vai casar-se, porque a sua alma sonhou um belo ideal, e este belo ideal é o ar. Manuel Alves, brasileiro rico, com cinquenta anos de idade, e um coração tão cheio de seduções como a sua algibeira de libras para saciar as ânsias de amor desta Julieta. O Romeu é aquele senhor! (*ri-se*). Ninguém me acompanha nesta risada?

CARLOS

Essa risada é um insulto, senhor.

JÚLIO

A quem?

CARLOS

A esta senhora. (*Indicando a irmã*).

JÚLIO

Insultei-a, sr^a D. Henriqueta?...

HENRIQUETA

Não me insultou... matou-me....

JÚLIO

Matei-a! (*ironia*) Morre-se assim de vergonha, ou de raiva?

CARLOS (*todos em pé — Henriqueta nos braços de Sofia*)

Nem mais uma palavra, ar. Júlio!

JÚLIO

Há de sofrer-me a seu e a meu pesar algumas mais. Até aqui falou o filósofo... agora fala o profeta. Quero vaticinar o futuro deste casamento.

CARLOS

Que tem o senhor com o futuro deste casamento?

JÚLIO

O que tinham os profetas com as ruínas das cidades, que caíam à sua palavra.

CARLOS

Nada de romances, senhor!...

JÚLIO

Aqui o romance é a vida real: o primeiro capítulo principia neste momento: a profecia realiza-se depois...

CARLOS

Qual profecia?

JÚLIO

Qual? Esta mulher, (*indicando Henriqueta*) depois de esposa, será como aquela que a tem nos braços.

SOFIA, *baixo*.

Meu Deus!

JÚLIO

Aquele homem (*apontando Manuel Alves*) depois de marido, será como aquele (*apontando Bernardo*) que o trouxe aqui, contanto que a sua mulher apareça um homem como o senhor! (*apontando Carlos*).

CARLOS, *arremessa-lhe uma luva.*

Aí tem, senhor!

JÚLIO, *pondo-lhe um pé em cima.*

Se é uma afronta, bem vê que a calco! Essa luva só pode ser erguida por mão tão infame como aquela que a arremessou... (*Silêncio*). Este silêncio é vergonhoso para todos nós!... Miseráveis! haveis de confessar que o talento tem uma grande superioridade sobre o ouro! Vedes qual ela é? É isto! sou eu que me levanto debaixo dos vossos calcanhares, e — posso dizer-vos: “Não dava pela vossa fortuna este instante da minha vida!”

(*Toma Henriqueta pelo braço e aproxima-a do brasileiro*). Aí a tem! é digna de si!

HENRIQUETA

Não! nunca! tua, tua, Júlio, por toda a vida...

JÚLIO

Minha.... (*rindo*) Se por um diabólico milagre a sua existência estivesse ligada à minha, senhora, creia que essa posse me custaria um suicídio...

HENRIQUETA, *erguida com ímpeto.*

Eu tenho orgulho, senhor!...

JÚLIO, *sorrindo.*

O orgulho comprado pela infâmia! (*Carlos tira um punhal em ação de arremeter*).

SOFIA, *segurando-lhe o braço.*

Sr. Carlos!

HENRIQUETA, *o mesmo*.

Oh Carlos!

BERNARDO, *segurando-o*.

Sr. Carlos!

JÚLIO, *impávido*.

É justamente a arma que lhe fica bem, cavalheiro... Eis aqui uma grande cena! Todos se agitaram... menos o homem de barro! A impassibilidade estúpida do dinheiro está ali!... Verdadeiramente feliz é só aquele! (*apontando Manuel Alves, que faz um sinal afirmativo*).

ATO II

CENA I

SOFIA e CARLOS.

Sofia sentada, triste, num sofá — Carlos defronte, meditativo.

SOFIA

Eu tinha previsto esta desgraça... Disse-ta, profetizei-ta, Carlos, e tu... chamaste-me mulher, e foste por diante nas tuas imprudentes ambições... O resultado é este... Um divórcio no fim de seis meses, e um cadáver, talvez, antes de sete...

CARLOS

Melhoras a situação em que nos achamos, avivando-me pesares, que excedem as forças da minha alma?

SOFIA

Não, eu bem sei que não; mas o responsável de tantos infortúnios és tu... (*Erguendo-se*) Maldito ouro! quantas desgraças por tua causa!...

CARLOS

Maldita sociedade !... Malditas condições impostas ao homem que quer passar por ela com a face erguida, fazendo gala do escândalo...

SOFIA

Cala-te, Carlos, que vem aí tua mana.

CENA II

HENRIQUETA desfigurada — como no fim de uma tísica — e os mesmos.

SOFIA, *indo encontrá-la*.

Sempre te ergueste um bocadinho?

HENRIQUETA

Sim... vi as flores, pareceu-me tão lindo o ar, e o céu tão sereno, que não pude resistir... O mano está tão triste... que tem?

CARLOS

Nada, minha cara Henriqueta... Tenho pena de ti... e de mim... e de todos os que figuram nesta triste história.

HENRIQUETA

Não, Carlos, de mim não tenha pena. Agora o que me dói é o corpo... esta dissolução lenta é muito dolorosa... mas do espírito... sinto-me boa. E tu, Sofia, tens passado tão más noites ao pé de mim!... Coitadinha... Eu bem sabia que tu eras muito minha amiga... Deixaste o Porto, e a sociedade, e a tua casa, e teus filhinhos para assistires a esta demorada tísica... Não chores, menina...

CARLOS

Henriqueta, eu não perdi as esperanças...

HENRIQUETA

De quê, mano?

CARLOS

De te restituirmos a saúde...

HENRIQUETA

Deus o queira, que eu não desejo a morte... Esta solidão deve ser encantadora; mas, assim doente, não tenho prazer em nada... Retira-se, Carlos?

CARLOS

Eu volto já...

HENRIQUETA

Pois sim, não se demore muito, que eu preciso falar-lhe, não?

CARLOS

Voltarei, mana. (*Sai*).

CENA III

HENRIQUETA e SOFIA.

HENRIQUETA, *abrançando-a*.

Que me querias tu ontem dizer, Sofia? Eu não pude ouvir-te; estava tão aflita... Depois, lembrei-me se te magoarias com o meu modo grosseiro... A doença faz a gente rude... Que era?...

SOFIA

Deverei eu dizer-to?

HENRIQUETA

Que poderás tu dizer-me que eu não possa ouvir?

SOFIA

Não me crimas?

HENRIQUETA

De quê? Fizeste-me algum mal?

SOFIA

O mal que eu te fiz já mo perdoaste... Mas o mal que eu te posso fazer...

HENRIQUETA

Perdoar-to-ei, se for um mal... Diz... aflige-me ainda mais a dúvida...

SOFIA

Tu tens ignorado muitas cousas... Júlio Correia...

HENRIQUETA, *vivamente sobressaltada*.

Jesus! a que vem esse nome aqui!...

SOFIA

Não to disse eu! Aflijo-te!... Não devo falar nele?

HENRIQUETA, *sorrindo*.

Porque não? Já agora, que tenho eu a ganhar ou a perder?... Fala...

SOFIA

Júlio Correia não é mais feliz que tu...

HENRIQUETA

Isso sabia-o eu, sem que ninguém mo dissesse... Aquele homem nasceu debaixo duma estrela infeliz como a minha... Eu sabia que seríamos ambos desgraçados...

SOFIA

E muito, porque te ama como te amou, e além do amor, sente o remorso de te haver humilhado...

HENRIQUETA

Ai!... ele não me humilhou... Fui eu que me aviltei... Que não tenha remorso... eu não vou deste mundo com ódios no coração...

SOFIA

Ainda o amas, Henriqueta?

HENRIQUETA

Se o amo!... que pergunta!... Amo-o como te amo a ti, como a meu irmão, como a meu marido, como a qualquer pessoa que concorresse mais ou menos para o meu infortúnio...

SOFIA

Não o amas, é o que queres dizer.

HENRIQUETA

Pois concebes que eu possa ainda ter coração, Sofia!... Não tens visto como ele se desfaz em lágrimas, há sete meses!... Não tens tu sido a testemunha deste morrer dum desejo em cada hora!... Posso eu amar... e amar uma sociedade em cujo seio encontrei a morte, e em nome da qual me impuseram a violência do suicídio...

SOFIA

Essas palavras são uma acusação que me fazes...

HENRIQUETA

Não são... Deus me livre de te magoar... Eu falo do mundo, não é de ninguém... É deste misto de infortúnios que nos vem dum poder invisível... Não sei o que é... sei que me reduziram à frieza dum cadáver... Quando meu marido me disse que não tinha casado com uma estátua, tive compaixão dele... e de mim. Quando me ofereceu um amigável divórcio, aceitei-o porque o reputei mais feliz sem mim. Quando me vi deste modo despedida como mulher inútil para aquele bom homem que tão cara me comprou, deixa-me dizer-te, Sofia, nem o meu amor próprio sofreu... É que eu já estava morta... E quando o amor próprio se gela, minha amiga, o coração já tem arrefecido para todas as impressões... Queres que te diga o que sinto por Júlio? Um desejo, um só desejo em bem dele: queria que ele fosse mais feliz do que muitos que o não merecem tanto... Ainda tenho outro, em meu bem, mas esse... não devo dizer-to...

SOFIA

Diz... diz, minha Henriqueta.

HENRIQUETA

Basta que eu diga que não devo dizer-to.

SOFIA

Não me dás como já deste o mais secreto da tua alma... Também para mim arrefeceu o teu coração... Eu dei a causa...

HENRIQUETA

Aí vem o mano... hás de retirar-te, que eu preciso falar-lhe... sim?

CENA IV

CARLOS, *para Sofia.*

Retira-se, minha senhora?

SOFIA

Não, senhor... Volto logo...

CARLOS, *ao ouvido.*

Não me deixes muito tempo só com ela.

(Sofia sai).

CARLOS e HENRIQUETA.

CARLOS

Como se sente, mana?

HENRIQUETA

O mesmo... Venha cá... falemos baixo... Não quero que a nossa boa Sofia nos escute... Não o vejo nunca tranquilo ao pé de mim, Carlos! Aflige-me! Lembre-se que eu não lhe tenho ódio. Sou sua amiga, acredite que o passado foi um sonho mau de que acordei para perdoar a todos...

CARLOS

Não pode, talvez...

HENRIQUETA

Pois não posso? Alguma cousa Deus me dá, visto que a sociedade tudo me tirou. Deus deu-me a resignação, e converteu em benevolência todo o amor, com que fui infelizmente dotada... Sou sua amiga... Olhe... Carlos, eu aceitei esse dinheiro com que meu marido me dotou... Aceitei-o, de propósito, para que ele servisse a alguém... O mano não é muito feliz, e fica depois de mim em luta com uma sociedade que lhe há de cuspir na face, se lhe lá vir a tristeza do pobre que não pode nivelar-se com o rico... Custa-me tanto falar!... Mas é preciso... Em poucas palavras lhe digo tudo... Este dinheiro fica-lhe aí, não sei aonde... o mano sabe-o... Eu deixo um testamento, já o escrevi, veja, Carlos, o que convém fazer para que ele seja válido...

CARLOS, *comovido*.

Henriqueta... se eu tivesse lágrimas, teria respondido com elas... As palavras não me saem do coração...

HENRIQUETA

Pois, sim, que fiquem aí... é lá que eu as quero...

CARLOS

Não perca as esperanças de restabelecer-se...

HENRIQUETA

Ai! mano! eu não sou criança... Tenho bom juízo para me consultar, e a vista bem penetrante para ver o túmulo...

CARLOS

Henriqueta... Deixa-me fazer-lhe uma pergunta?

HENRIQUETA

Sim... que é?

CARLOS

Sentiria algum alívio conversando com alguma pessoa que mais cara lhe fosse?

HENRIQUETA

Não sei bem o sentido da pergunta... mas, seja qual for, digo-lhe que não... não ambiciono alívios de ninguém.

CARLOS

Quem sabe o que pode a alma influir nos padecimentos do corpo?! Talvez... um entretenimento com esse nosso amigo...

HENRIQUETA, *com soberania.*

Mano.... seja tão nobre como ele... Não pronuncie o nome desse homem de cuja amizade não fomos dignos... Desculpe-me... Eu vou descansar... Estou cansada de falar... (*Sai*).

CARLOS

Tem sido longa a punição... Não há cinismo que resista ao flagelo vibrado na mão fraca duma vítima, quase extinta... isto é o dinheiro!... Esse drama de surdas agonias que aqui se passa é o ouro, é a sede do ouro... e a vida no interior duma casa, que contrafaz por fora todas as regalias do prazer!... Oh! que saudades eu tenho dos dias em que me vi pobre... e hoje pobre, também, mas ostentando na máscara do ouro o sorriso da impudência...

CENA V

Um CRIADO com uma carta.

CRIADO

Não está aqui a senhora?

CARLOS

Que carta é essa?

CRIADO

Uma carta para a senhora.

CARLOS

Deixa ver (*reparando*). A letra é de Júlio! (*Alto*) Quem trouxe isto?

CRIADO

Um homem destes sítios, deram-lha na estrada, e disse ele que a pessoa espera a resposta.

CARLOS

Vai entregá-la à senhora, que deve estar no seu quarto. (*O criado sai*).

CARLOS

Aquela carta faz-me suspeitar que algumas inteligências têm havido entre minha mana e Júlio... Não é natural!... Se se amassem, o espírito de Henriqueta não teria caldo assim...

CENA VI

SOFIA e CARLOS.

SOFIA

Que é de Henriqueta?

CARLOS

Cuidei que estavas com ela... Vai depressa ao seu quarto, que o criado levou-lhe neste momento uma carta de Júlio...

SOFIA

De Júlio!... como e possível?

CARLOS

De Júlio, sim... Ora diz-me, Sofia, não suspeitas que eles se tenham correspondido?

SOFIA

Tenho a certeza de que não.

CARLOS

Pois que lhe quer agora?

SOFIA

Seria uma felicidade que ela pudesse amá-lo...

CARLOS

Felicidade!... para quem?

SOFIA

Para ela...

CARLOS

Não sei qual... Minha irmã é uma senhora casada...

SOFIA

Bem o sei... Mas essa observação é um insulto que tu cospes na face de outra mulher casada...

CARLOS

Não foi essa a minha intenção... Tu traduzes muito à letra as minhas frases... Eu queria dizer que minha mana...

SOFIA

Deve ser sempre um humilde instrumento dos teus cálculos... cálculos infames a que se têm cegamente prestado algumas mulheres casadas...

CARLOS

Nada de recriminações intempestivas... Eu não te dou direito a que me ultrajes, Sofia...

SOFIA

A tua sensibilidade é toda caprichos, Carlos... Não tenho remorsos de te magoar o pundonor...

CARLOS

Estranho a tua linguagem!

SOFIA

Tem razão...Isto equivale a dizer-lhe, senhor, que a minha existência nesta casa é um serviço a sua irmã. As nossas inteligências deviam terminar no instante em que me prestei a ser o autômato das suas sórdidas ambições de dinheiro...

CARLOS

Não lhe ficam bem essas palavras, Sofia.

CRIADO

Todas as palavras ficam bem, quando a mulher as diz a um homem que, perdido o pudor, já não sabe corar diante dessa mulher...

O CRIADO, *atravessando*

CARLOS

Que levas?

CRIADO

A resposta.

CARLOS

Dá cá.

SOFIA, tirando a carta da mão do criado

Que quer?

CARLOS

Ver o subscrito.

SOFIA, *lendo*.

“Ao Il.mo Sr. Júlio Correia”, que mais lhe interessa?

CARLOS

Interessa-me zelar a honra de minha irmã.

SOFIA

Quando a sua puder servir de modelo a alguém... *(Para o criado)*. Leve essa carta ao seu destino. *(O criado sai)*.

CARLOS

A senhora manda demasiadamente em minha casa.

SOFIA

Sua casa!... esta casa é sua?

CARLOS

Duvida?... é!

CENA VIII

HENRIQUETA e os mesmos.

HENRIQUETA

Não é, não, mano. E tanto não é que eu tomo a liberdade de lhe dizer que vou receber nesta sala uma visita, a prescindindo da companhia de Carlos. *(Senta-se muito desfalecida)*.

CARLOS

Eu também não quero de modo algum estorvar-lhe os seus prazeres, Henriqueta.

HENRIQUETA

Os meus prazeres! *(sorrindo)*. O mano conserva sempre o seu espírito folgazão!... Está brincando comigo à beira da sepultura... É bárbaro o divertimento!... Há momentos aconselhava-me a convivência com as pessoas que me foram caras... e depois... revolta-se contra uma minha amiga porque esta lhe impede de rasgar o selo duma carta!

CARLOS

Está enganada!...

HENRIQUETA

Enganado está o mano... Pois não entende que meu marido me deu carta de alforria, declarando-me livre? Eu sou senhora das minhas ações... Se houvesse de cair em abismos de degradação, o braço do mano seria um estorvo, em que eu não faria reparo... Se me quer poupar a uma exaltação com que não posso, retire-se, Carlos.

CARLOS

De sua casa?

HENRIQUETA

Desta sala, e, se lhe aprouver, de minha casa; mas vá na inteligência que as minhas intenções a seu respeito, depois da minha morte, não mudam... Os ressentimentos nobres não têm nada com o dinheiro... *(Carlos sai)*..

HENRIQUETA e SOFIA

SOFIA

Tu está salivando sangue, Henriqueta!...

HENRIQUETA

Não é nada... Tive há pouco um ataque muito forte... Se me desses uma gota de água... *(Sofia chega-lhe o corpo)*.

SOFIA

Tens tanta febre, menina!

HENRIQUETA

Terei? É possível, porque sinto lume na cabeça... Júlio vem aí...

SOFIA

Vem?... Oh! Deus permita...

HENRIQUETA

O quê?

SOFIA

Que ele te reanime... Talvez o amor opere um milagre...

HENRIQUETA

De Cristo no túmulo de Lázaro? O amor não pode nada... Se o não vence o dinheiro, vence-o a morte...

SOFIA

Ele escreveu-te... já sei... que te diz?...

HENRIQUETA

Quase nada... pede-me alguns instantes da minha vida... Como terei poucos... oxalá que os últimos sejam dele...

SOFIA

Mas, na exaltação em que te vejo, talvez seja arriscar a tua saúde...

HENRIQUETA

Não, minha amiga, o que eu realmente não posso arriscar é a saúde... A dar-se alguma revolução em mim, deveria ser em meu bem, que... para pior, decerto não posso ir, nem creio que no meu estado se possa piorar... Daqui à morte... é só fechar os olhos...

CENA IX

CRIADO

Um senhor que teve ordem de subir, espera no portão.

HENRIQUETA

Que entre. *(Para Sofia)* Sai por algum tempo... Decerto estimarás não ver de face um homem que te caluniou, porque não compreendeu a tua boa alma...

SOFIA, beijando-a.

Decerto não... Henriqueta... (Sai).

HENRIQUETA

Ai, meu Deus!... livrai-me destas aflições!... que nuvem!...

CENA X

HENRIQUETA e JÚLIO.

Júlio recua, quando ao perto encara Henriqueta, que se ergue trêmula, encostando-se à mesa para Lhe estender a mão. Henriqueta senta-se, e quer fingir presença de espírito. A hesitação de Júlio é significada por monossílabos entrecortados.

JÚLIO

Henriqueta... na presença desse rosto pode-se só chorar; mas as Lágrimas secaram-se-me nos olhos para sempre...

HENRIQUETA, soluçando

Não... podemos... todos chorar...

JÚLIO

Venho encontrá-la num lastimável estado... Como é possível?... O ouro reduz o talento a esta situação?

HENRIQUETA

Não me escarneça.

JÚLIO

Escarneçê-la eu, que sinto a precisão de ajoelhar-me a seus pés...

HENRIQUETA

Senhor!... Não me obrigue a comoções muito violentas...

JÚLIO

Esta situação é horrível... A sua presença tirou-me a palavra... Lembra-me só que tudo isto é irremediável...

HENRIQUETA

Irremediável.

JÚLIO

Não há nada a esperar do amor, nem das esperanças...

HENRIQUETA

Nada...

JÚLIO

E hás de morrer, filha da minha alma! *(tomando-lhe a mão com frenesi)*. Eu não hei de poder salvar-te, Henriqueta!...

HENRIQUETA

Não.

JÚLIO

Não sentes nada neste instante que te prometa uma nova vida!... não esperas nada deste amor, sufocado sete meses, deste amor que te pode restituir a felicidade que ambos nós aniquilamos...

HENRIQUETA

É impossível...

JÚLIO

Impossível! Que sou eu para ti?

HENRIQUETA

Uma reminiscência amarga, mas, no fim da vida, um enviado de Deus...

JÚLIO

E contudo não posso salvar-te...

HENRIQUETA

Não!... o que pode é matar-me mais depressa... E eu... faço-lhe a vontade... desejo mesmo que as minhas últimas palavras sejam suas... Mas não o serão... Deus não quer que eu morra, escandalizando a sociedade...

JÚLIO

Henriqueta, vai deste mundo odiando-me?

HENRIQUETA

Não... não o odeio... tenho compaixão de si...

JÚLIO

Como pôde sacrificar-me?...Para que me humilhou na presença do homem infame que a não compreendeu!

HENRIQUETA, *com dignidade.*

Quem é o homem infame? Meu marido?... Não diga tal... Se tem sido nobre, Júlio, seja-o até ao fim... Meu marido, não me compreendeu, mas não era infame.

JÚLIO

Perdão!... a palavra foi imprudente...

HENRIQUETA

Eu não o sacrifiquei... era pobre e não quis fazê-lo desgraçado... sacrifiquei-me para salvar dons que seriam infelizes comigo, podendo sê-lo eu só... Enganei-me... Deus o quis...

JÚLIO

Mas depois daquela luta fatal, há sete meses, desse horrível delírio, que nem já me recordo, eu fiz sentir à sua alma o meu remorso.

HENRIQUETA

De que modo? Insultando-me...

JÚLIO

De que modo?...

HENRIQUETA

Servindo-se duma minha amiga como portadora de ultrajes afrontosos...

JÚLIO

De Sofia?

HENRIQUETA

Sim.

JÚLIO

Isso foi uma infâmia.

HENRIQUETA

Foi... decerto...

JÚLIO

Minha? Não!

HENRIQUETA

Pois de quem?

JÚLIO

De seu mano, que dispõe dessa infame mulher, associada a todas as suas torpezas...

HENRIQUETA, *aflita*.

Fale baixo, por piedade...

JÚLIO

Manda-me calar, senhora, quando me justifico?...

HENRIQUETA

É que eu não lhe peço justificações... Bem vê que me mata...

JÚLIO

Não sou eu que a mato... É esse homem que dissipa à sua sombra o preço do seu corpo, Henriqueta. É esse vil que ousa vir aqui, para assistir impassível aos seus últimos instantes... É esse desonrado que me mostrou a ponta dum punhal em sua própria casa...

HENRIQUETA

Por compaixão, Júlio!...

CENA XI

Os mesmos, CARLOS e SOFIA.

CARLOS

Se a desonra está na ponta dum punhal, mostrar-lhe-ei, cavalheiro, a boca dum pistola.

HENRIQUETA

Que vida, meu Deus! Carlos! retire-se... Sr. Júlio... sr. Júlio...

SOFIA

Que tens, Henriqueta?...

HENRIQUETA

Evita uma desgraça se podes... Retira daqui meu mano...

SOFIA, *para Carlos.*

Saia daqui, por quem é!

CARLOS

Cá fora, senhor cavalheiro, que dá diplomas de infâmia... *(Sai)*.

JÚLIO, *sorrindo*.

Sim, lá fora...

HENRIQUETA

Prometa-me que não se encontrará com ele...

JÚLIO

Não prometo... Hei de procurá-lo em toda a parte, como quem procura o ladrão da sua honra, porque é na honra que eu tenho feito consistir a minha felicidade... Sr^a D. Sofia! encontrou-me... desde aquele dia...

HENRIQUETA, *pondo-lhe a mão na boca*.

Não, não, por tudo quanto há, Júlio. Não lhe peço mais nada nesta vida...

JÚLIO

Eu estou calado, sr^a D. Henriqueta.

HENRIQUETA

Santo Deus! Como eu estou sofrendo!... Isto não pode assim durar muitos minutos...

JÚLIO

Que situação a minha!... Oh! para que dores o homem foi criado!

HENRIQUETA

Sr. Júlio... venha cá... bem perto de mim que a minha voz é débil... Ouça-me eu amei-o muito... não sei se poderia amá-lo mais... podia... porque neste momento, sinto que o amo como nunca... Aprendi a impostura... Tenho-me fingido com o mundo, e comigo... Durante sete meses, não pude roubar-lhe um minuto... Tive-o, sempre, no pensamento, no coração, no coração, que, por fim, estalou... morreu para ressuscitar agora... Agora!... de que serve?... Ah!... serve... serve... Conduziu-o aqui a mão de Deus... Lembra-se da sua profecia?...

Não se realizou... A esposa violentada... não foi indigna de que a chore seu marido... Foi esposa violentada, mas... também foi mártir voluntária!...

JÚLIO

Perdoa-me, Henriqueta...

HENRIQUETA

Perdoo... Não posso dizer-lhe mais nada... Sofia; vem ao meu quarto... Não podes? Júlio, dê-me o seu braço... acompanhe-me... tenha paciência... (*saem*).

CENA XII

CARLOS entra pela porta oposta.

CARLOS

É necessária muita desfaçatez para tanta coragem! Aí está um homem que a sociedade reputa honrado na sua pobreza! Há de ser-lhe caro o insulto! Estes espirituosos infames é necessário corrigi-los.

CENA XIII

CARLOS e JÚLIO.

CARLOS, *irônico*.

Não sei se me concede licença de estar nesta sala, sr. Júlio!

JÚLIO

Eu concedo-lhe tudo, menos o arbítrio sobre a minha honra... Posso agora ver as bocas das suas pistolas?

CARLOS

Um duelo não é uma brincadeira de assassinos... Procure testemunhas...

JÚLIO

Eu não sei o que são testemunhas, quando a infâmia foi praticada sem elas... Entre nós essa formalidade é uma cobardia...

CARLOS

Quer chamar-me covarde?!

JÚLIO

Eu não sei o que lhe quero chamar... Siga-me, senhor!

CARLOS, *indeciso*.

Não tenho dúvida nenhuma,... Eu não o temo... (*voz alta*).

JÚLIO

Fale baixo, senhor, se não espera que alguma mulher venha em socorro dos seus gritos...

CARLOS

Vamos...

CENA XIV

SOFIA e HENRIQUETA, *espavoridas*.

HENRIQUETA

Já saíram, meu Deus!...

SOFIA

Eu vou procurá-los...

HENRIQUETA

Vai... vai... Sofia... (*Ouvem-se dois tiros*). Ah!... (*nos braços de Sofia, que ajoelha com ela*).

SOFIA

Ó meu Deus, como tem sido punido o meu crime!...

JÚLIO, *desfigurado*.

É um assassino que o ouro fez!...

HENRIQUETA

Que é?... que disse ele?

SOFIA

Assassinou teu mano!

JÚLIO, *cruzando os braços numa imobilidade de demente.*

Assassinei seu mano!

HENRIQUETA

O que se segue é... que fez duas vítimas... eu de mim perdoe-lhe... Por ele... responderá na presença de Deus...

JÚLIO

E ele que responda por mim, porque eu sinto uma bala no coração...

SOFIA, *palpando o coração de Henriqueta.*

Está morta! meu Deus!...

JÚLIO, *vacilante, até ajoelhar-se ao pé do cadáver, e tocar-lhe o peito.*

Morta... Morta!... *(Ergue-se).* A morte saldou as contas de todos nós!
(Moribundo, encosta-se ao sofá).